



O épico revisto por Soror Maria de Mesquita Pimentel

The epic reviewed by Soror Maria de Mesquita Pimentel

Fabio Mario da Silva¹

Resumo: Este artigo apresenta, além de detalhes da fortuna crítica de Soror Maria de Mesquita Pimentel, algumas nuances de sua obra, *Memorial da Infancia de Christo e Triumpho do divino Amor* (1639), construída por esta monja que se mostra conhecedora de autores seus contemporâneos, como, por exemplo, Camões, Boscán e Garsilaso, sabendo recorrer a estas referências sem no entanto ultrapassar os códigos vigentes em torno da sua condição de mulher e religiosa, descrevendo assim o único amor que lhe seria permitido cantar, o de Cristo, e da sagrada família.

Palavras-chave: épico, influências literárias, Soror Maria de Mesquita Pimentel, *Memorial da Infancia de Christo e Triumpho do divino Amor*.

Abstract: This article presents, not only the details of the critical fortune of Sor Maria de Mesquita Pimentel, some nuances of his work, *Memorial of the Childhood of Christ and the Triumph of the Divine Love* (1639), constructed by this nun who shows her knowledge of contemporary authors such as Camões, Boscán and Garsilaso knowing use these references but no more than the existing codes around your womanhood and nun, so describing the unique love that you would be allowed to sing, the Christ, and the holy family.

Key-words: epic, literary influences, Sor Maria de Mesquita Pimentel, *Memorial of the Christ's Childhood and the Triumph of the Divine Love*.

À Professora Doutora Adma Muhana²

1. Introdução: início de um projeto e fortuna crítica

Este artigo é o esboço de um projeto que nasceu durante a elaboração de minha tese de doutorado (2008-2013) intitulada *Cânone literário e estereótipos femininos: casos problemáticos de escritoras portuguesas*, que foi apresentada à Universidade de Évora em 2013, e no decorrer da qual se fez um levantamento extensivo da produção literária feminina na história da literatura portuguesa. Neste percurso deparamo-nos com uma autora, Soror Maria de Mesquita Pimentel, cuja obra impressa *Memorial da Infancia de Christo e Triumpho do divino Amor* (1639), bem como outras duas partes manuscritas

¹ Pós-doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, com bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). É doutor em Literatura, mestre em Estudos pela Universidade de Évora (Portugal).

² Pelo acolhimento, pelo respeito e pela seriedade com que recebeu o meu projeto.

inéditas, se configura como a primeira obra épica portuguesa publicada por uma mulher em língua portuguesa. Este será o objeto de nossos estudos e também de uma edição moderna desta trilogia, visto ser esse o cerne de meu projeto de pós-doutorado pela Universidade de São Paulo, intitulado “O épico no feminino”, sob a supervisão da Professora Adma Muhana e co-supervisão, na Universidade de Lisboa, da Professora Vanda Anastácio.

No que diz respeito à fortuna crítica desta autora há poucos trabalhos para além de diversos artigos de nossa lavra, ainda no prelo. Os primeiros trabalhos científicos foram publicados em Portugal. De Isabel Morujão, o artigo “Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: o *Memorial da Infância de Cristo*, de Soror Maria de Mesquita Pimentel” (1995) foca a importância desta obra (em conjunto com outras duas obras: *Meditações da vida de Cristo*, que durante muito tempo foram atribuídas a São Boaventura, e *Exercícios espirituais* de Santo Inácio de Loyola) na formação espiritual das religiosas portuguesas e no processo de gênese de alguma da literatura conventual feminina do século XVII, quando Portugal ainda se encontrava sob o domínio filipino (cf. MORUJÃO, 1998, p. 177-178). Já na tese de doutorado desta mesma autora, apresentada à Universidade do Porto em 2005, *Por Trás da Grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)* – que deu origem ao livro homónimo publicado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (2013) – encontramos análises de obras de diversas escritoras monásticas, entre as quais, a de Pimentel. Por fim, no texto intitulado “O monte do Parnaso fui deixando’: Cristianismo e Cultura Clássica na Épica Conventual Feminina em Portugal”, esta pesquisadora apresenta características tanto da obra impressa quanto das duas partes manuscritas do texto. No entanto, é com os trabalhos de Antónia Fialho Conde, que tratou de todo o espólio referente ao mosteiro no qual professou Soror Pimentel, no âmbito de sua tese de doutorado, intitulada *Cister ao Sul do Tejo: o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1576-1776)* – com obra homónima publicada pela Colibri (2009) – apresentada à Universidade de Évora em 2004, que se releva que no mosteiro onde professou Pimentel a escrita era dominada apenas pelas monjas que “assinavam os documentos oficiais do mosteiro, e que se resumiam à Abadessa, prioressa, subprioressa e escritã, na grande maioria dos casos” (CONDE, 2009b, p. 244), constatando que a nossa escritora-monja foi prioressa em dois triênios (1636-38 e 1642-44), sendo citada também como deputada³ em 1637 e 1638. No entanto, é no seu artigo intitulado “Espaço literário feminino. A obra de Soror Maria de

³ A deputada tratava-se de uma espécie de conselheira, geralmente mais velha, que tinha voto de decisão nos assuntos monacais.

Mesquita Pimentel” (CONDE, 2009a) que ficamos a saber, pioneiramente, detalhes desses manuscritos que compõem esta trilogia épica.⁴

2. Produção da obra: espaço do mosteiro

Segundo Isabel Sá, a “liberdade” de movimentos permitida às mulheres que enveredavam pela vida eclesiástica no período concernente à nossa autora poderia ser superior às que permaneciam no espaço doméstico, pelo menos no que diz respeito à escolarização, afirmando, esta autora, que os confessores das monjas encorajavam a publicação de textos (cf. SÁ, 2011, p. 287), embora possamos facilmente conjecturar que sob o jugo da Igreja Católica o conceito de “liberdade feminina” seria bem restrito e quase nunca efetivamente experimentado. A escolha pela vida monástica era comum em toda a Europa como modelo ideal cristão de prática espiritual. Por isso, Fernanda Olival alude, na *História da Vida Privada em Portugal* (com direção de J. Mattoso e N. Monteiro), à existência de uma certa associação entre o feminino e a clausura religiosa durante os séculos XIV ao XVII: “Desde a Idade Média que os valores sociais faziam coincidir idealmente vida privada feminina com espiritualidade” (OLIVAL, 2011, p. 275). Contudo, como constatou Antónia Fialho Conde numa análise deveras acurada em toda a documentação do mosteiro cisterciense de São Bento de Cástris, deparamo-nos com uma quantidade reduzida de monjas com acesso à escrita,⁵ configurando-se como forma de manutenção de poder e estatuto, revelando que muitas participavam da tradição e do conhecimento pela tradição oral, visto que mais importante do que assimilar o conteúdo era sabê-lo de cor (cf. CONDE, 2009a, p. 113). Apesar da visão medieval sobre a mulher ser altamente desfavorável, assente na estigmatização pecaminosa da figura de Eva, as “freiras eram esposas de Cristo, e tinham como função proteger, através da oração, a restante sociedade, pelo que, em tempos ideais, o seu estado era superior ao das mulheres casadas com simples mortais” (SÁ, 2011, p. 280). Por isso é comum encontrarmos, nos textos monásticos escritos por mulheres, uma ideia assente de fidelidade à virgindade jurada nos seus votos, com a intenção de construir “pelo exemplo de vida e pela prática literária, uma imagem de dignificação da mulher” (MORUJÃO, 2009, p. 54).

Não podemos saber, com certeza, em quais condições ou que tipo de formação tinha Soror Pimentel, visto um dos seus censores, Frei Damaso da Apresentação referir

⁴ A análise neste artigo apenas enfocará a parte impressa desta trilogia épica de Pimentel.

⁵ Manuel Bernardes Branco também afirmara ao aludir o caráter genérico deste problema de falta de escolarização, aludindo que havia uma grande quantidade de freiras analfabetas do que as instruídas. (cf. BRANCO, 1888, p. 118-119).

que esta demonstra erudição em matérias da Santa Teologia sem nunca ter cursado escolas (cf. APRESENTAÇÃO, 1639, s.p.), e visto que ainda pouco se sabe sobre sua formação, e detalhes sobre a origem de sua família,⁶ podendo ter aprendido todo o manancial cultural que demonstra no *Memorial da Infancia de Christo* de forma autodidata, ou através de algum familiar, que nós desconhecemos, que tivesse grande cultura erudita, bíblica, eclesiástica e de carácter profano, como a mitologia e cultura greco-romana, ou quem sabe, aprimorou o conhecimento que tinha dentro do mosteiro, visto serem comuns “livros considerados profanos adentrarem nestes espaços” (MORUJÃO, 2009, p. 81).

3. Alguns aspectos da obra de Soror Pimentel: o amor divino

Para Innocencio Francisco da Silva o poema de Pimentel, apesar dos seus méritos, seria uma obra imperfeita. Atentemos às palavras do autor:

Posto que esta enfiada de cantos mal possa classificar-se como poema de algum género determinado, pois que aparecem ahi violadas em tudo as regras e preceitos da arte, não deixa de ter seu mérito pela ternura dos affectos, e singela elegancia da phrase em que está escripto, accusando na auctora dotes de não vulgar ingenho, e devota inspiração. (SILVA, 1858, p. 142)

Ora, não há dúvidas em relação a que tipo de género este poema narrativo pertence, o estilo épico, cumprindo regras comuns a outros textos épicos, como, por exemplo, a existência de prólogo e de dedicatória, divisão em cantos, uso de deuses greco-romanos como agentes da acção (o que neste texto se dará em menor escala), adaptando o género épico ao discurso religioso. Quanto à estrutura e ao ritmo, observa-se que cada canto é precedido de um pequeno argumento, em estrofe de 8 versos, como assim é também distribuído em toda a obra, com o propósito de fazer um pequeno resumo ao leitor, num cumprimento quase que didático.⁷ O canto que possui maior número de estrofes é o VI, com 106 (Canto I, 97 est.; Canto II, 91 est.; Canto III, 104 est.;

⁶ Segundo Antónia Fialho Conde, a única informação que há no espólio do mosteiro pertencente à Biblioteca Pública de Évora é um documento de sua irmã que nos dá a saber que “O contrato de dote de sua irmã Escolástica, religiosa no mesmo mosteiro, surge na documentação de S. Bento de Cástris, na altura com 14 anos, e foi celebrado em Fevereiro de 1612; segundo este contrato, era filha de Luís Mesquita Pimentel e de Domingas da Silva, sendo seu tutor e dotador o tio, Francisco de Piemonte, meirinho da correição” (CONDE, 2009b, p. 354).

⁷ Aliás, os textos monásticos femininos são mesmo marcados por esta vertente pedagógica, no sentido também formativo e emotivo (cf. MORUJÃO, 2009, p. 97-98).

Canto IV, 83 est.; Canto V, 85 est.; Canto VII 85 est.; Canto VIII, 78 est.; Canto IX, 97 est.; Canto X 81 est.) perfazendo a obra um total de 907 versos com dez sílabas métricas, tratando-se, em sua maioria, de versos heróicos. O esquema rimático segue sempre a mesma lógica: rima entrecruzada nos primeiros seis versos e emparelhada nos últimos – AB, AB, AB, CC –, esquema idêntico ao de *Os Lusíadas*, que a autora possivelmente toma como modelo. Aliás, Isabel Morujão, por exemplo, encontra similitudes entre alguns versos desta narrativa e de *Os Lusíadas* ao discorrer sobre temáticas que perpassam as duas obras (cf. MORUJÃO, 2013, p. 181): se por uma via Camões nos apresenta um contexto do amor profano marcado por excessos e exuberância, no episódio da Ilha Enamorada, em Soror Pimentel recuperam-se algumas dessas figuras pagãs, como Pamona, Flora e Clóris, mas lhes incutindo um outro sentido e as moldando por uma orientação cristocêntrica:

No *Memorial da Infância de Cristo*, Soror Pimentel sublinha estes dois pólos, a propósito da viagem da segunda pessoa da Santíssima Trindade que desceu ao ventre de Maria, para encarnar: “A escada se veja já pendendo/ Do alto Céu à terra cá lançada;/ Porque venha a ser homem Deus descendo/ E o homem vá fazer com Deus morada” (Pimentel, 1639, Canto II, estr. 8^a, 19). Não deixa de ser curioso, nesta religiosa que conheceu bem a obra de Camões, verificar a proximidade entre este verso do *Memorial* e os versos de Camões n’*Os Lusíadas*, Canto I, estr. 65: “E que do Céu à Terra enfim deceu,/ Por subir os mortais da Terra ao Céu”. (MORUJÃO, 2013, p. 11)

Veja-se que as temáticas em torno da sensualidade são banidas do texto, fugindo ao modelo camoniano no intuito de preservar-se de condenações sociais e provavelmente por ser inapropriado ao assunto. Visto que para um homem português a temática do erotismo, recorrendo-se à mitologia grega como Camões faz com a figura de Afrodite, poderia ser encarada como texto imitativo baseado em ficção, mas uma mulher discorrer de forma tão explícita como Camões poderia ser condenada socialmente ou até mesmo nunca chegar a ver publicado o seu texto. Contudo, esta imitação da epopeia camoniana era um fato comum entre diversos autores portugueses do século XVII, como aponta Mafalda Ferin Cunha, no *Dicionário de Luís de Camões*, que alude ao fato comum de vários autores barrocos retomarem excertos camonianos, tanto da lírica quanto da épica,

mesmo em epopeias religiosas, como a de Soror Pimentel, que apresenta “ecos de vários dos seus passos e episódios” (2011, p. 175).

Observemos algumas das nuances épicas desta obra. Por exemplo, logo no primeiro canto, ao invocar a figura de Apolo, a autora revela o que irá cantar nessa epopeia:

Temperai minha lyra docemente,
Para que ao som d’ella vá cantando
Amores de huma ovelha, que perdida,
Vos trouxeram do Céu, para lhe dar vida (Canto I, est. 3, fl. 1v.)

Esta é uma epopeia que tratará sobretudo de amor, de um amor divino, e por isso também se configura como uma canção amorosa. Contudo, como adiante se verá, os amores desta narradora se baseiam numa experiência de devoção através do retrato da família sagrada, dando especial destaque à figura da Virgem Maria, heroína desta primeira parte da trilogia épica. Ainda no primeiro canto Deus cria, com graça celestial, o homem e a mulher que a morte não conheceriam se não pecassem, dando-lhes o mundo, realçando, desta forma, o Seu amor, confirmando o seu poder sobre a natureza e seus elementos, bem como sobre a raça humana, humanidade criada a partir de um mistério:

Logo com grande amor a summa alteza
Que com somente hum Fiat poderoso
O orbe todo creou, toma a baixeza
Da terra entre suas mãos (acto espantoso)
E forma Adam mostrando sua grandeza
Em honrar este barro mysterioso
Que d’elle a natureza tomaria,
Com que as obras de amor realçaria (Canto I, est. 31, fl. 6)

O amor de Deus estaria na Sua criação. Porém, ao criar Adão e Eva, foram feitas reservas em relação a uma árvore do bem e do mal da qual estes não poderiam comer os frutos senão perderiam sua imortalidade; mas Lúcifer, depois de banido para a “região negra de Aqueronte”, rio do infortúnio, reaparece em forma de mulher questionando a inércia de ambos diante de tal ordem e revelando que o fruto daquela árvore contém em

si mesmo todo o conhecimento divino, incitando Eva a comê-lo e compartilhar este sabor com Adão:

Eu vos dou bom seguro, diz a arteira
Serpente, fraudulenta, & venenosa,
De não verdes a ora derradeira
Da vida, que ter e sempre gozosa:
E se me voz tomais por conselheira,
Alcançareis sciencia venturosa,
Semelhantes sereis a Deos eterno
Naquelle saber seu, que he sempiterno. (Canto I, est. 62, fl. 11v.)

Porque bem sabe Deos, que em qualquer dia
Que comerdes do pomo da sciencia,
Vossos olhos abertos sem porfia
Alcançarão suprema intelligencia. (Canto I, est. 63, fl. 11v.)

Segundo esclarece a narrativa, ambos perdem logo a inocência, sentindo os seus bens perdidos, e entrando-lhes pela alma a morte verdadeira, por isso fala-se do surgimento de uma mulher diferente de Eva, a Virgem Maria, que “em perfeições maravilhosa” (Canto II, est. 21, fl. 4v.), assumirá o papel de heroína na trama, ressaltando, ainda no Canto I, que:

Se per huma molher pouco avisada
A geração humana foi perdida,
Per outra, que tera supremo aviso,
A posse alcançará do paraíso. (Canto I, est.92, fl.16)

Este mistério enigmático se baseia, nas palavras da narradora, a partir de um amor sublime, que vai se fazer ressoar aquando do nascimento do menino salvador da humanidade. Após a circuncisão deste e de lhe ser dado o nome, a narradora recorre à mitologia grega, ao Olimpo como lugar equiparativo ao Céu e como entendimento de paraíso sobre-humano, para dizer que este nome, Jesus Cristo, ecoará em vários mundos como o mais grandioso:

Apenas lá no Olympto luminoso
 Foi ouvido o melliflúo eco amavel
 Do nome de Iesus maravilhoso,
 Sobre todos os nomes admiravel;
 Quando no Ceo Empyreo glorioso
 Com gloria & alegria inexplicavel
 Os bellos nove coros se prostarão,
 E todos de gíolhos o adorarão. (Canto V, est. 52, fl. 74)

Acima de tudo esta obra possui, como afirma Isabel Morujão, um caráter didático e informativo, sendo possível encontrar similaridades entre a estrutura vocabular deste discurso e de uma obra de tradição boaventuriana: “Quando parece dar cumprimento à função didáctica de levar o seu leitor a visualizar as cenas da história divina, Soror Pimentel retoma, do ponto de vista lexical, elementos que a obra atribuída a São Boaventura utilizava nos seus conselhos às religiosas” (MORUJÃO, 1998, p. 185). No canto VIII a narradora revela que irá falar de um amor de laço forte e verdadeiro, entre o divino e a natureza humana, Deus e a sua ligação de amor dando o seu filho entregue à morte para salvar a humanidade da culpa pelo pecado original que é de responsabilidade de Adão, e por isso a personagem que o menino Jesus está tão intimamente ligado: “Em mim cõ a mão de Adã, q he o culpado,/ Tão amorosamente estais ligado” (Canto VIII, est.42, fl. 119v.). Deixando em evidência que o amor descrito não será aquele dito e aclamado por escritores já consagrados, que discorriam sobre um amor sensual/erótico e ou considerado profano, como, por exemplo, Ovídio, Boscã e Garcilasso, já que sua visão de amor será a bíblica a partir da visão do apóstolo Paulo:

E para que melhor seja entendida
 Esta uniaõ que digo, este laço,
 Quero, se não estou mal advertida,
 O amor diffinir o que não faço
 Na maneira que foi constituida
 Por Ovidio, Boscaõ , & Garcilasso,
 Senão o que de luz orna o sentido,
 A qual Paulo escreveo vaso escondido. (Canto IX, est. 4, fl. 126)

Pimentel refere aqui um dos mais prestigiados autores da literatura grega e latina,⁸ bem como a de seus quase contemporâneos, como Juan Boscán, mestre de Garsilaso,⁹ – autores lidos e conhecidos nos meios eruditos portugueses – demonstrando possuir a mesma cultura letrada que os homens escritores seus contemporâneos, mas divergindo deles na maneira como fala e cita tais autores, se posicionando enquanto mulher e religiosa, e resguardando da censura inquisitorial e social. Haja visto que aos autores homens tal discurso baseado em uma literatura considerada profana e/ ou erótica era bem mais permissiva, apesar de encontramos nos poemas de Soror Violante do Céu uma exceção – mas lembremo-nos que seu primeiro livro publicado em Ruão, em 1646, foi editado clandestinamente. Ou seja: tudo indica que neste século, provavelmente, tanto os homens quanto as poucas mulheres que tinham acesso à cultura e escolarização liam os mesmo tipos de textos (literatura greco-latina, livros eclesiásticos e bíblicos ou baseados na bíblia, textos de autores contemporâneos peninsulares) sendo que às mulheres, predominantemente, seria vedado o discurso escrito erótico ou profano, no sentido de resguardar uma imagem feminina baseada na imagem da Virgem Maria, algo muito forte e presente na sociedade portuguesa da altura,¹⁰ havendo uma distinção, então, não no tipo de leitura mas nas diretrizes de escrita que condicionavam os gêneros.

4. Algumas conclusões

Assimilando a cultura clássica a textos de cariz religioso Pimentel revê o épico a partir de sua crença cristã. Apreendendo a estruturação desde gênero literário tão complexo tenta, no entanto, adaptá-lo dentro de condicionantes que não firmam as suas convicções enquanto religiosa e enquanto mulher, no intuito de informar e formar leitores que pudessem entender a história de Cristo, de maneira elucidativa e histórica. Exalta-se a criação divina e seu salvador, numa tentativa de perpetuar essa imagem descritiva como uma lição formal e de aprendizado católico, fazendo com que seu leitor possa estar a par das histórias bíblicas, mesmo sendo elas ficcionadas ou reinterpretadas, como também conhecer referências mitológicas.

Deste modo, temos como premissa que a autora, para além de conhecer as epopeias clássicas e suas contemporâneas, como *Os Lusíadas*, por exemplo, também

⁸ Sobre essas possíveis referências da literatura greco-romana na obra de Soror Pimentel será melhor explicitada no meu trabalho final de pós-doutorado.

⁹ Vanda Anastácio na obra *Visões de Glória (uma introdução à poesia de Pêro de Andrade Caminha)*, mostra o quão importante era para os poetas portugueses esses dois autores espanhóis, numa análise deveras acurada através dos poemas de Andrade Caminha (ANASTÁCIO, 1998, p. 78).

¹⁰ Para um maior aprofundamento da imagem da Virgem Maria como símbolo e fortemente marcado na cultura portuguesa consultar o trabalho de nossa lavra: *Cânone literário e estereótipos femininos: casos problemáticos de escritoras portuguesas*, Évora, Universidade de Évora, 2013.

reconhecia os textos considerados profanos, como os de Ovídio, Garsilaso e Juan Boscán, sabendo recorrer aos seus modelos para construir o seu texto, com uma preocupação intencional com o esquema musical e o ritmo. A autora refere que o único amor que pudera cantar, e o único realmente válido, é o de Cristo, assumindo-se assim devota da sagrada família, com especial destaque para a Virgem Maria, sem, no entanto, renegar os deuses mitológicos gregos (Apolo é o mais citado) e tendo o cuidado de não ferir os códigos estabelecidos de conduta e virtude impostos às monjas, sob a ótica da condição feminina, moldada pelo contexto seiscentista e religioso.

Bibliografia

ANASTÁCIO, Vanda. **Visões de Glória (uma introdução à poesia de Pêro de Andrade Caminha)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

APRESENTAÇÃO, Damaso da. Licença. In: PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da Infância de Cristo e Triumpho do divino Amor**. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1639. s.p.

BRANCO, Manuel Bernardes. **História das Ordens Monásticas em Portugal**. Vol. I. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1888.

CONDE, Antónia Fialho. **Cister ao Sul do Tejo: o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1576-1776)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Évora, Évora, 2004.

_____. **Cister ao Sul do Tejo: o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1576-1776)**. Lisboa: Edições Colibri, 2009a.

_____. Espaço literário feminino. A obra de Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: OLIVEIRA, Francisco et al. (Coord.). **Espaços e paisagens. Antiguidade clássica e herança contemporânea**. Vol. 2. Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção. Coimbra: APEC, 2009b. p. 353-360.

MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca Lusitana**. Lisboa: Of. Antonio Isidoro da Fonseca, 1752.

MORUJÃO, Isabel. Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: o Memorial da Infância de Cristo, de Soror Maria de Mesquita Pimentel. **Via Spiritus**, Porto, n. 5, p. 177-208, 1998.

_____. **Por trás da grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)**. Porto: Universidade do Porto, 2005.

_____. **Por trás da grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

_____. “O monte Parnaso foi deixado”: cristianismo e cultura clássica na épica conventual feminina em Portugal. **Revista de Escritoras Ibéricas**, vol. 1, p. 9-10, 2013. Disponível em: <<http://e-spacio.uned.es/revistasuned/index.php/REI/article/view/5638>>. Acesso em 13 jan. 2014.

_____. **Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica feminina portuguesa dos séculos XVII e XVIII: impressos**. Lisboa: Universidade Católica, 1995.

OLIVAL, Fernanda. Os lugares e espaços do privado nos grupos populares e intermédios. In: MATTOSO, José; MONTEIRO, Nuno Gonçalo (Dir.). **História da Vida Privada em Portugal. A Idade Moderna**. [S.l.]: Círculo de Leitores; Temas e Debates, 2011. p. 244-275.

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da Infância de Christo e Triumpho do divino Amor**. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1639.

SÁ, Isabel dos Guimarães. Os espaços de reclusão e a vida nas margens. In: MATTOSO, José; MONTEIRO, Nuno Gonçalo (Coord.). **História da vida privada em Portugal: a Idade Moderna**. Lisboa: Círculo de Leitores; Temas e Debates, 2011. p.280-320.

SILVA, Fabio Mario da. **Cânone literários e estereótipos femininos: casos problemáticos de escritoras portuguesas**. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Évora, Évora, 2013.

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Tomo 6. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1858, p. 141-143.